

**REGISTROS SOCIOGEOLINGUÍSTICOS
EM SÃO SEBASTIÃO:
A PRESENÇA DO ELEMENTO INDÍGENA
E A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS COLONIZADOR**

Márcia Regina Teixeira da Encarnação (USP)
maregi@usp.br

**Toda língua são rastros de velho mistério.
(Guimarães Rosa)**

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos uma pesquisa de campo em São Sebastião, município do Litoral de São Paulo, percebemos claramente que é no léxico das diversas comunidades linguísticas que ficam documentados os múltiplos encontros entre povos e culturas.

A presença do elemento indígena já se faz presente no registro toponímico, como por exemplo, na praia de Boiçucanga. Segundo Nascentes (1952), era o antigo nome tupi da Ilha de São Sebastião, *mboy*, significa Cobra, + *wa'su*, que significa grande + e a'Kang, que significa cabeça. “A cobra de cabeça grande” então, é a forma que tem a serra que separa a praia de Boiçucanga do restante do município.

Antes da colonização portuguesa, a região era ocupada por índios Tupiniquins ao norte e Tupinambás ao sul, sendo a serra de Boiçucanga – 30 km ao sul de São Sebastião - uma divisa natural das terras das tribos.

O nome São Sebastião foi dado posteriormente pelos portugueses, coerentes com o ideal português de colonizar e ao mesmo tempo difundir a fé católica, dando o nome de santos às localidades encontradas.

E, assim como o grego e o latim, principais elementos formadores da língua do colonizador, o tupi antigo participou decisivamente do português falado no Brasil.

Esta pesquisa está fundamentada nos pressupostos da Geolinguística, método da Dialektologia e foi realizada *in loco* com seis su-

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

jeitos adultos, de 50 a 65 anos, de ambos os gêneros, sendo 3 homens e 3 mulheres. Foi utilizada a subárea *Habitação*, do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, que traz a seguinte pergunta: (Como se chama) "... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão à lenha?". O Comitê Nacional do Projeto ALiB aponta *fuligem* como provável resposta a essa questão, entretanto, a lexia *picumã* aparece com a maior frequência, acompanhada por *fuligem*, *carvão* e *fumaça*.

UM POUCO DA HISTÓRIA DE SÃO SEBASTIÃO

O município de São Sebastião, no litoral norte do Estado de São Paulo, possui área aproximada de 401 km e uma população fixa de cerca de 58.000 habitantes, segundo o censo IBGE – 2000.

Segundo Prado Júnior (1956, p. 23), o Litoral Norte do Estado de São Paulo é uma micro-região homogênea que passou por um processo de povoamento e colonização que remonta ao período colonial. Foi a ocupação de um espaço já habitado com o intuito de encontrar produtos de aproveitamento imediato que atendessem a demanda dos países europeus, interessados em matérias-primas e gêneros tropicais.

Marcos de episódios da história do Brasil ainda podem ser vistos na costa do litoral norte de São Paulo, em que índios, colonos, jesuítas e piratas lutaram pela terra onde os portugueses vitoriosos lançaram a base da nova nação.

Restam muitos vestígios da época colonial na paisagem – canhões, centros históricos, fazendas em ruínas ou restauradas, igrejas e capelas modestas. Parte desse passado esconde-se no meio do mato. Parte sumiu da lembrança, com o passar dos séculos.

Os Pescadores - coletores do Litoral

Antes da chegada dos portugueses e até dos índios, já havia grupos humanos organizados em sociedade, habitando o território brasileiro: os sambaquieiros. Os homens dos sambaquis, nesta região, teriam constituído um grupo humano

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(...) adaptado às condições de vida impostas pelas características geográficas da planície costeira marinha e pelo sistema lagunar. Suas canoas devem ter singrado as águas das lagoas e os rios regionais, por todos os recantos, vasculhando aquela homogênea região geográfica. Os homens dos sambaquis constituíram ali, uma civilização de canoeiros e um grupo humano de conchóforo e ictiófago por excelência. Ab Saber & Bernard (1953, p. 220).

Eles existiram entre 5000 e 1000 anos atrás, e foram uma bem-sucedida adaptação ao litoral do Brasil pré-colonial.

Sambaqui é uma palavra de origem indígena que deriva de *tambá* (concha) e *ki* (depósito). Os sambaquis são depósitos de conchas acumuladas por grupos tribais que dependiam primordialmente da pesca e da coleta de moluscos, como base da sua alimentação, ocupando-se paralelamente da caça de animais de pequeno e médio porte, além da coleta de frutos e raízes.

Quando os portugueses chegaram aqui, utilizavam as conchas dos sambaquis para fazer cal e usá-lo na construção de casas. Trituravam as conchas, queimavam em fornos e misturavam o pó com óleo de baleia e açúcar mascavo. Faziam então uma argamassa, usada para juntar as pedras nas construções. Durante centenas de anos foram construídos muros, casarões e igrejas com os sambaquis. Esta atividade foi proibida em São Paulo em 1952 e no restante do país em 1961.

Os povos indígenas

Logo após o desaparecimento da cultura sambaqui, novos habitantes passaram a morar nesta região, conforme indicam os estudos arqueológicos. Eram povos indígenas que, além de pescar, caçar e coletar frutos e mel na mata, sabiam fazer potes de cerâmica e produzir hortas e quintais de mandioca, batata doce, maracujá, algodão, abóbora, feijão e inúmeros outros alimentos.

Antes da chegada dos colonizadores europeus, a região era habitada por índios da tribo Tupi, que haviam expulsado para o interior as tribos inimigas. Os índios descendentes dos tupis falavam a mesma língua e impuseram o seu domínio aos demais. Adotaram diversos nomes, de acordo com as condições locais. Nesta região os índios denominavam-se Tupinambás, que viviam nas terras ao norte;

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

e Tupiniquins, que viviam nas terras ao sul de São Sebastião. Os tupiniquins, assim como os tupinambás, pertencem ao tronco linguístico tupi.

A situação dos indígenas com a chegada dos portugueses

Com sustos, estranheza e medo, os indígenas acolheram os primeiros colonizadores que se instalaram em São Sebastião entre 1596 e 1609.

As lutas entre as duas tribos do local intensificaram-se depois da vinda dos portugueses, pois, necessitando de mão de obra, os colonizadores iniciaram o bandeirismo de apresamento, que consistia em capturar índios e vendê-los como escravos nos engenhos nordestinos.

Tupinambás e Tupiniquins desapareceram. Mesmo assim, deixaram incontáveis contribuições. A técnica de fabricação de canoas, o preparo da farinha, o cultivo da terra, a construção de moradias em pau a pique e a marcante herança linguística presente não só no nome das praias e dos diversos acidentes geográficos, mas também no linguajar dos habitantes do local.

A HERANÇA LINGUÍSTICA E A GEOLINGUÍSTICA

A linguagem dos habitantes do litoral veio adquirindo um léxico comum, fruto da herança do português arcaico trazido pelos colonizadores no século XVI, da influência indígena, dos antigos donos do litoral, como são chamados hoje os índios das tribos que por lá viviam e ainda da africana, elemento de elevada importância para o desenvolvimento da região nos primórdios da nação.

Esse local viveu ciclos econômicos distintos e nas fases de crise sofreu relativos isolamentos, o que lhe permitiu não só desenvolver um modo de vida bastante peculiar, mas também lhe garantiu uma certa preservação de aspecto linguístico.

Em São Sebastião, a língua falada hoje se constitui num verdadeiro mosaico de palavras provenientes dos portugueses, dos indígenas e dos povos africanos.

É preciso, portanto, que tentemos resgatar e documentar o mais rápido possível a variação lexical existente, para que, com isso, possamos registrar a memória linguística e contribuir para o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil em nossos dias.

Seguimos, para tanto, os preceitos da Geolinguística, método da Dialetoлогия, que consiste na aplicação de um questionário a um conjunto de sujeitos com determinadas características, numa rede de pontos. Os resultados obtidos são apresentados em tabelas e, posteriormente, em cartas.

É imensurável a importância desse método, pois, com ele, torna-se possível a busca pelas peculiaridades do local, manifestadas nas escolhas lexicais dos sujeitos entrevistados. Seus falares, relacionados às condições do ambiente, podem determinar o grau de inovação ou de conservação linguística.

A ANÁLISE QUANTITATIVA

Essa pesquisa foi realizada *in loco* com sujeitos adultos, de 50 a 65 anos, de ambos os gêneros. Foi utilizada a subárea *Habitação*, do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, que traz a seguinte pergunta: (Como se chama) “... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão à lenha?”.

O Comitê Nacional do Projeto ALiB aponta *fuligem* como provável resposta a essa questão, entretanto, a *lexia picumã* aparece com a maior frequência, acompanhada por *fuligem, carvão e fumaça*.

O termo *lexia*, empregado neste trabalho, deve-se ao linguista francês, Pottier (1978) e designa qualquer unidade lexemática.

Para a apuração estatística, orientamo-nos pelos postulados da Linguística Quantitativa de Muller (1968), que afirma que qualquer manifestação de linguagem, um discurso qualquer, escrito ou falado, breve ou longo, literário ou não, não está livre do domínio numérico. Diz ainda que cada vocábulo que aparece em um texto é dotado de frequência, e que essa frequência é determinada pelo número de suas ocorrências no texto.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

Ao nos referirmos ao número exato das ocorrências no *corpus*, temos a “frequência absoluta” e quando esse número exato de ocorrências faz referência ao número total do *corpus*, temos a “frequência relativa”.

Nessa pesquisa, buscamos verificar a frequência absoluta e a relativa das lexias dadas como respostas pelos sujeitos inquiridos, conforme descritas no gráfico abaixo:

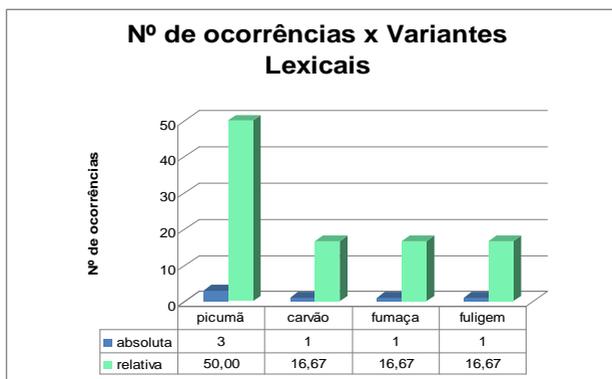


Fig. 1: Número de ocorrências das variantes lexicais

Temos então, para um total de 6, ou seja, de 100% das respostas obtidas:

- 3 ou 50% para picumã;
- 1 ou 16,67% para carvão;
- 1 ou 16,67% para fumaça e
- 1 ou 16,67% para fuligem.

Com esses resultados, vimos que a lexia picumã, do tupi *apeku'ma*, continua presente na fala dos sujeitos, registrando os fatos do passado. Encontramos aqui, fossilizada, uma lexia preservada na memória cultural da comunidade.

Da mesma forma como ocorre na toponímia local – Boiçucanga e São Sebastião – as lexias picumã e fuligem – mostram que é na linguagem que estão documentadas a ocupação indígena e a colo-

nização europeia e que é no léxico de uma língua natural que está retratada a herança dos signos recebidos.

Segundo Santos (2006, p.130),

(...) os diferentes interlocutores, como membros de uma determinada comunidade linguística, quer como falantes, quer como ouvintes, recorrem à memória de sua comunidade e dela fazem uso, na interação, para produzir atos de fala e interpretá-los a todo instante. (...) Como elemento integrante de uma língua, o léxico se atualiza a partir da combinatória da seleção dos fatos da memória coletiva com os diferentes modos de apreensão do mundo, variando de comunidade a comunidade.

Na região estudada, convivem então, as duas lexias, uma herdada dos povos indígenas e outra, do português colonizador nomeando o mesmo objeto.

A LEXICOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA: O REGISTRO E O MÉTODO DE RECOLHA DE DADOS

Ezquerria (1996), diz que, assim como a Lexicografia busca na Dialetoлогия informações para dar subsídios à sua prática, a Dialetoлогия pauta-se em dados lexicográficos para comprovar os seus dados.

Dessa forma, e, com a intenção de focalizar a importância das contribuições dos trabalhos de cunho geolinguístico para a prática lexicográfica e vice-versa, fomos buscar em alguns dicionários os registros comprobatórios da origem das lexias fuligem – tema sugerido pelo ALiB e picumã – de maior número de ocorrências.

A lexia fuligem provém do latim *fuligo, inis* e, segundo Torrinha (1939), autor português, significa depósito negro, oleoso, que a fumaça deposita nas chaminés e nas paredes das cozinhas. No próprio latim derivaram-se os seguintes adjetivos:

- *fuliginatus*, que quer dizer fuliginoso, enegrecido;
- *fuliginous*, da cor da fuligem;
- *fuliginosus*, coberto de fuligem.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

No Dicionário Etimológico, de Cunha (1999), autor brasileiro, encontramos fuligem como fumo espesso. Proveniente do latim *fuligo, inis*.

Para a Língua portuguesa do Brasil vieram as derivações: o verbo esfulinhar 1881; o substantivo fuliginosidade 1858 e o adjetivo fuliginoso, século XVII.

O dicionário supracitado traz também: picumã como fuligem, negro de fumo – século XIX e acrescenta: do tupi *apeku'ma*.

Costa (1960) traz picumã ou pucumã como fuligem, taticumã.

Em Ferreira (1999), buscamos taticumã, e encontramos que se trata de um sinônimo de picumã, com a variação pucumã.

A lexia picumã refere-se também à teia de aranha enegrecida pela fuligem, conforme podemos observar nas ilustrações literárias abaixo:

“Na cozinha, negra de **fuligem**, cheia de **picumã**, sobre pedras, no chão, estava uma panela de barro” (Coelho Neto, 1927, p. 311)

“O teto, de telha vã, com as vigas **fuliginosas**, como carbonizadas, estava colgado de flocos negros de **picumã**”. (Coelho Neto, 1958, p. 197).

“A calça das paredes lasca-se enegrecida, suja de **fuligem**, com pingentes de **picumã**” (Barroso, 1930, p. 193).

Concordamos com Bidermann (1984), quando ela afirma que os dicionários são o depósito da memória por excelência. São objetos culturais, espelhos onde os membros de uma comunidade se reconhecem como nativos e como participantes de uma cultura. E, integrados a essa cultura, testemunham uma civilização, refletem o conhecimento e o saber linguístico e cultural de um povo num determinado momento da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos que, é no léxico das comunidades linguísticas que ficam documentados os diversos encontros entre povos e culturas, estamos concordando com Sapir (1921) que afirma que, diante do vocabulário de uma língua de determinada comunidade, podemos ter uma visão relativamente fiel da cultura ali existente.

Embora os Tupiniquins e os Tupinambás tenham sido dizimados pelos colonizadores, naquela região ainda continuam vivos, registrando os fatos linguísticos herdados dos seus antepassados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SABER, A. N. & BESNARD, W. Sambaquis da região lagunar de Cananeia. **In:** *Boletim do Instituto Oceanográfico*, São Paulo, nº 4, 1953, p. 215-230.

BARROSO, G. *Terra de sol*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BIDERMANN, M. T. O dicionário padrão da língua. **In:** *Alfa*, Revista de Linguística. São Paulo, nº 28, 1984, p. 27-43.

COELHO NETO. *Obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958.

———. *Treva*. Porto: Léllo e Irmão, 1927.

COSTA, A. *Dicionário geral de sinônimos e locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Luso-brasileira, 1960.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: NUPAUB – USP, 1997.

ESQUERRA, M. A. Dialectología y lexicografía. **In:** ALVAR, M. *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: Dicionário da língua portuguesa*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

MULLER, C. *Initiation a la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.

———. *Principes et Methods de Statistique Lexicale*. Paris: Hachette, 1977.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1952.

POTTIER, B. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, [1978].

———. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução de W. Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

PRADO JÚNIOR, C. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

SANTOS, I.P. Memória e geolinguística: o questionário semântico-lexical. In: *Cadernos do CNFL*, vol. X, nº 14, 2006.

SAPIR, E. *Language*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Company, 1921.

TORRINHA, F. *Dicionário português-latino*. 2ª ed. Porto: Domingos Barreira, 1939.